



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ANDREA MORENO**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-496

**Entrevistada:** Andrea Moreno

**Nascimento:** 14/09/1965

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada, Belo Horizonte/MG

**Entrevistador/a:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 18/11/2014

**Transcrição:** Raquel Helena Ritter Braga

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 39 minutos e 23 segundos

**Páginas Digitadas:** 14 páginas

### **Observações:**

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Ingresso no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais; o Projeto Finep; as atividades de organização; a trajetória e experiências; pesquisas desenvolvidas; metodologia e aporte teórico utilizado, definição do CEMEF, trabalho na Faculdade de Educação e o envolvimento com o CEMEF.

Porto Alegre, 18 de novembro de 2014. Entrevista com Andrea Moreno a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Andrea, muito obrigada por me receber aqui! Primeiro eu queria que você contasse como que você se envolveu com o CEMEF<sup>1</sup>.

A.M. – Na verdade eu tinha conhecimento do CEMEF, acompanhava de longe porque eu era professora da Universidade Federal de Viçosa, que é uma cidade do interior de Minas<sup>2</sup> e lá não tinha grupo de história, então vira e mexe eu estava aqui, nas bancas, nos seminários... E eu conhecia as pessoas, o Tarcísio<sup>3</sup> e Meily<sup>4</sup>, que eram as duas pessoas na época que tocavam o CEMEF, mesmo que ele ainda não tivesse uma estrutura como tem hoje. Então quando eu voltei do doutorado, quando eu realmente me envolvi na história, eu me aproximei deles. Então eu vinha de vez em quando, não com muita frequência, porque eu dava aula em Viçosa e tal, mas alimentava o desejo de me envolver mais, porque como em Viçosa eu não tinha um grupo de história, eu me sentia muito isolada, muito sozinha e alimentava esse desejo. Aí eu voltei do doutorado para Viçosa, eu tinha que ficar quatro anos, porque eu tinha ficado quatro anos afastada com bolsa, e coincidentemente, quatro anos depois abriu um concurso para a UFMG<sup>5</sup> e eu vim para cá. Vim para a Faculdade de Educação, mas na minha cabeça desde o início eu tinha clareza que apesar de estar lá na educação eu me envolveria com o CEMEF. Então logo chegando, eu acho que na primeira semana já fui... Não me lembro exatamente *como* isso aconteceu, mas me lembro já desde o início de estar envolvida nas reuniões do CEMEF, de assumir coisas, enfim, foi tudo muito tranquilo, porque era uma perspectiva que eu já anunciava na minha cabeça há muito tempo. Então foi um pouco deste jeito.

C.M. – Como é que estava a organização do CEMEF quando você chegou?

---

<sup>1</sup> Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Minas Gerais.

<sup>3</sup> Tarcísio Mauro Vago.

<sup>4</sup> Meily Assbú Linhales.

<sup>5</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

A.M. – Então, eu cheguei à UFMG em 2006. Na época não tinha esta estrutura, a estrutura era uma salinha, aliás muito pequenininha, no segundo andar; não sei se você chegou a ver...

C.M. – Sim.

A.M. – No segundo andar lá da Educação Física e à época, Meily e Cristina<sup>6</sup>, Cristina dava aula em Ouro Preto e também tinha começado a vir ajudar a Meily, sobretudo nesse projeto da Rede CEDES<sup>7</sup>. Em que elas prometiam como produto uma certa organização do acervo. Então elas já tinham iniciado este processo quando eu cheguei. Tudo muito amador, a gente não tinha ainda uma equipe multidisciplinar, era tudo meio tateando, conhecendo, procurando opinião. Então assim: embora o Tata<sup>8</sup>, como coordenador, tivesse cuidado do espaço, cuidado para que o acervo fosse pelo menos recolhido, foi realmente com a Meily e com a Cristina que isso ganhou fôlego. Depois a Cristina se afastou um pouco e a Meily tomou isso como realmente uma tarefa necessária, se envolvendo cada vez mais, procurando o saber fazer, trazendo pessoas da arquivologia, indo a museus. Mas no início tinha um espaço que a gente guardava as coisas, mas este primeiro trabalho, no início foi de contratar uma bibliotecária aposentada da UFMG, para que ela pelo menos colocasse o acervo na base Pergamum<sup>9</sup>, que é a base da UFMG, então foi tudo naquele momento. E os voluntários, não é? Naquele momento nós não tínhamos bolsa, nada disso, eram os nossos orientandos que voluntariamente ajudavam e outros interessados. A gente sempre se reuniu na sexta a tarde, íamos lá e íamos fazendo essas coisas.

C.M. – E você estava quando o prédio foi construído?

A.M. – Estava, na verdade o prédio foi assim... Quando lançaram o edital da FINEP<sup>10</sup>, eu recém tinha chegado e foi na época do Pan-Americano<sup>11</sup> que começou a ter vários editais e esse especificamente era sobre a memória do esporte. E com aquele edital nós achamos que valia a pena a gente tentar algo, porque previa construção, que era uma coisa rara nos

---

<sup>6</sup> Maria Cristina da Rosa.

<sup>7</sup> Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

<sup>8</sup> Tarcísio Mauro Vago.

<sup>9</sup> Base de dados das bibliotecas da UFMG.

<sup>10</sup> 3.

editais, então a gente pensou: “Quem sabe a gente arrisca?”. Era um volume de dinheiro bom, então quem sabe a gente arrisca. Aí eu e o Tatá sentamos, foi tudo muito corrido. Eu e o Tatá sentamos muito rapidamente e eu me lembro que a gente estava às vésperas do Congresso Brasileiro de História da Educação, que foi em Uberlândia. O Tática estava indo para Vitória porque tinha um compromisso em Vitória. Eu e o Tatá sentamos *correndo* para fazer aquele negócio... E eu me lembro de um episódio interessante que eu tinha ido para o congresso e o Tatá ficou de fechar, no que ele foi fechar ele perdeu o arquivo e aí quando eu voltei tivemos que fazer tudo correndo. Foi tudo assim muito estressante! Mas conseguimos fechar e mandamos com a clareza de que o projeto não era exatamente o que... A gente tinha críticas ao nosso próprio projeto, mas foi uma maneira de a gente justificar a construção, então o que era o projeto? Era um projeto que eu tinha, pois quando a gente assume na UFMG, a gente entrega um projeto de pesquisa. Então eu tinha feito um projeto de pesquisa que se chamava “Sentidos e Sensibilidades...” Eu já não me lembro o nome, mas depois eu posso ver para você. Porque quando eu cheguei aqui, antes de eu vir, todas as minhas pesquisas eram no Rio, nos arquivos do Rio, porque eu pesquisava no Rio de Janeiro, eu não pesquisava muito em Minas Gerais nem em Belo Horizonte. Quando eu cheguei aqui eu senti a necessidade de conhecer os arquivos, a potencialidade das fontes e tal, então eu fiz um projeto para entrar na UFMG, para tomar posse, era um projeto que previa o levantamento e a catalogação de fontes para estudo da educação do corpo. Então a minha idéia era ir para os arquivos e levantar para conhecer. Então esse projeto acabou sendo o carro chefe, a base do FINEP. Então o que é que nós prevíamos? Para construir este catálogo a gente ia reproduzir fontes e tal e isso previa uma guarda junto com o acervo que o CEMEF já tinha e que isso merecia um lugar, e era esse o discurso do projeto. E mandamos. E o Tatá, como coordenador, porque quando eu cheguei, logo eu não entrei na pós<sup>12</sup> e tinha que ter um vínculo com a pós para ser coordenador do projeto. Então o Tatá foi o coordenador do projeto, fizemos isso e mandamos. Aí para a nossa surpresa nós ganhamos. A FINEP, na verdade, não estava nem muito preocupada com a pesquisa, ela estava preocupada em acompanhar, porque era um bom dinheiro para a obra. E aí foi todo aquele processo, chegou o dinheiro, o dinheiro... Qualquer obra na UFMG tem que passar pelo setor de obras e ser aprovado e tem todo um padrão que não pode fugir. Então isso demorou *muito* até acontecer e quando efetivamente o negócio saiu do papel o dinheiro já

---

<sup>11</sup> Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro em 2007.

<sup>12</sup> Pós-graduação.

não dava para cobrir, então tivemos que completar o dinheiro pedindo para a pró-reitoria, pedindo para a direção da Escola de Educação Física. E a gente foi fazendo assim... Nesse movimento inicial de fazer o projeto para a FINEP nós fizemos, muito rapidamente, pedimos para a divisão de obras fazer uma planta, que depois, claro, teve que ser alterada e fomos negociando. Aí nesse momento da construção, como efetivamente era uma construção dentro da Escola de Educação Física, aí a Meily se envolveu mais com a construção e tal, e eu e o Tatá ficamos com a pesquisa propriamente dita, com o catálogo de fontes.

C.M. – Quando é que ficou pronto o prédio?

A.M. – O prédio ficou pronto... [pausa para pensar] Acho que em 2010, eu não me lembro... Eu estou com o dia da inauguração e tudo, mas eu não sei se foi em 2009 ou 2010, uma coisa assim.

C.M. – Bom, e você participou de alguma coisa antes de alguma chegada de acervo, ou de algum processo de organização de acervo?

A.M. – Sim, quando o prédio ficou pronto, já lá na salinha anterior, nós então começamos a fazer uma equipe multidisciplinar. Então tínhamos a princípio uma bibliotecária, depois uma museóloga. E nisso também vários contatos, Silvana<sup>13</sup> veio, outras pessoas vieram, para a gente trocar experiências e tal. Na verdade eu acho que o pulo do gato foi com a chegada do Adalson<sup>14</sup>. O Adalson é um professor, hoje vice-diretor da Escola de Ciências da Informação. Na verdade ele é historiador, mas que tem todo um trabalho na arquivologia e que nos trouxe a lógica da arquivologia para organizar o acervo. Então isso foi meio assim: o pulo do gato. Quando a gente assumiu que era preciso fazer fundos, trabalhar com a lógica do arquivo. Então o que aconteceu? A primeira coisa foi o trabalho de higienização, porque além desta salinha tinha uma salinha meio que de entulho, de tudo [risos]... E a gente foi tirando caixa por caixa, a gente fazia mutirões com os nossos orientandos, bolsistas. A essa altura a gente já tinha mais bolsistas. Então fomos com todo esse trabalho de higienização, de caixa por caixa, decidimos trabalhar a princípio até a

---

<sup>13</sup> Silvana Vilodre Goellner.

<sup>14</sup> Adalson de Oliveira Nascimento.

década de 1950, depois de 1950 a 1980, fomos fazendo por etapas. Higienizávamos e botávamos nas caixas e tal. Num segundo momento, quando já foi para construir as sedes e tal, aí eu já não me envolvi tanto, porque eu já tinha outras coisas e basicamente foi a Meily com o Adalson, algumas bolsistas da própria arquivologia. Porque era ler documento por documento, ir separando em séries, essa coisa da proveniência dos documentos para construir... Isso de fato foi a Meily... Em um determinado momento eu trabalhei muito foi com as fotografias. Não sei se você conhece o livro...

C.M. – Sim.

A.M. – Eu e Verona<sup>15</sup>, que é uma professora, hoje é professora, na época era minha orientanda, nós assumimos a organização das fotografias, então fizemos toda a higienização delas, trouxemos uma pessoa para olhar e ver se elas não tinham comprometimento, dividimos as primeiras séries, fomos catalogando... Eu acho que depois a equipe do CEMEF inclusive continuou e foram feitas melhorias, mas fizemos essa primeira etapa das fotografias. Nós tínhamos um projeto que era trazer os professores antigos, sentar com a gente do CEMEF e ir reconhecendo as fotografias, fazer: “Ó, esse aqui é fulano; esse aqui é fulano”. Então a gente foi separando em séries, tinha um mundo de coisas, e esse primeiro movimento, foi feito por mim e um grupo de bolsistas com as fotografias.

C.M. – Quais as atividades que você desenvolveu no CEMEF?

A.M. – O CEMEF sempre funcionou assim: [pausa para pensar] Sempre não, eu acho que depois a gente foi refinando isso, mas o que hoje configura... A gente tem uma reunião de estudos, lendo textos, contribuindo com a discussão, coisa assim. Quando a gente tem seminário a gente discute textos de pessoas que vão vir no seminário, enfim. Então esse trabalho como pesquisadora, orientadora, eu sempre desenvolvi e fora isso estes trabalhos iniciais de higienização, coordenação de projeto, o trabalho com as fotografias... Tudo isso foram os trabalhos que eu me envolvi mais. Teve um momento em que eu desacelerei um pouco, porque também a FAE<sup>16</sup> nos ocupava muito. Ah, teve uma coisa que eu me envolvi

---

<sup>15</sup> Verona Campos Segantini.

<sup>16</sup> Faculdade de Educação.



muito no CEMEF que foram as exposições. Porque a Verona que era minha orientanda e ela tinha uma formação para isso e depois passou como professora aqui do curso de museologia na área de expografia. Então ela trazia os alunos dela e, eu e ela juntas preparávamos as exposições. Todas as exposições, incluindo as do último Seminário, do CEMEF fomos nós duas que organizamos, então isso foi um trabalho que exigia, claro: pesquisa, pensar em temas, garimpar os documentos que iam ser expostos, pensar na narrativa da exposição, pensar nos documentos que iam ser expostos, enfim. Esse também foi um trabalho em que eu me envolvi muito. Depois eu dei uma desacelerada, porque... Depois que tinha sido inaugurado, que as coisas estavam mais em uma rotina e a demanda na FAE também era muito grande para mim... Eu nunca deixei de ir ao CEMEF, mas me envolver de frente assim, de cabeça nas coisas, eu não fiz mais isso.

C.M. – Com quais temáticas você trabalhou nas pesquisas?

A.M. – Esse primeiro projeto do FINEP era um projeto de catalogação de fontes para a história da educação do corpo. O resultado dessa pesquisa foi um catálogo do CEMEF, que depois eu posso te mostrar, onde tem ali muitas fontes catalogadas dos arquivos de Belo Horizonte e que tratam da educação do corpo. Esse foi o meu primeiro movimento. Esse movimento me fez perceber, por exemplo, que tinha um tema potencial que nunca tinha sido estudado, que era a educação física no Ensino Normal, que era algo que eu gostava também de trabalhar, era um tema que me chamava atenção. Depois desse trabalho de catalogação eu escrevi um projeto sobre o Ensino Normal em Belo Horizonte especificamente na Escola Normal Modelo da Capital, que foi a primeira escola de ensino normal. Então nós estudamos a educação do corpo, dos sentidos, de sensibilidades e já mais para o final do projeto, mais especificamente, a cadeira de ginástica. Então durante muito tempo eu trabalhei com esta escola. Meus orientandos também puxando vários projetos desse, então o caso da Gyna<sup>17</sup>, que estudou a história da Lúcia Joviano, que era uma professora de ginástica da escola. Outras coisas foram surgindo. Depois nós tivemos vontade de ampliar o estudo do ensino normal, especificamente da cadeira de ginástica, para toda Minas Gerais, não só Belo Horizonte, então nós fizemos um segundo projeto, sempre financiados pelo CNPQ<sup>18</sup> ou pela FAPEMIG<sup>19</sup>, às vezes pelos dois. Para perceber

---

<sup>17</sup> Gyna de Ávila Fernandes.

<sup>18</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

um pouco assim ... 1890 foi a primeira lei que promulgou o ensino da ginástica no ensino normal, então pegamos desde 1890, um pouco antes, porque se sempre a gente percebia que a historiografia da área dava um certo protagonismo à Escola Normal de Belo Horizonte, como se tudo tivesse começado aqui e na verdade Belo Horizonte é uma capital construída muito depois [risos]. Então a gente estudou o ensino normal em toda Minas Gerais. Porque na verdade as pesquisas são um pouco continuidade uma da outra. Não só continuidade, mas aspectos que nos chamavam atenção. Nesse movimento nós localizamos os manuais de ginástica, que é basicamente a pesquisa que eu coordeno hoje, que eu fui para o pós-doutorado que é estudar a ginástica sueca, a circulação da ginástica sueca e agora não só em Minas Gerais, mas em todo o Brasil, através dos manuais de ginástica. Com esse tema eu fiz o pós-doutorado e continuo trabalhando com esse tema. O que é muito curioso é que apesar de estar no CEMEF eu pouco trabalhei, nas minhas pesquisas, com o acervo do CEMEF. Eu trabalhei mais com outros acervos. Até tive um orientando, o Luiz Gustavo<sup>20</sup>, que entrou no mestrado na FAE para estudar uma reforma específica do curso de Educação Física e ele foi o meu orientando que mais trabalhou nesse acervo... Mas ele acabou adoecendo e não terminou o mestrado. Ele fez todo um levantamento e tal e ele acabou não fazendo. Parece que tem uma orientadanta da Meily agora que parece que vai continuar, mas ele não defendeu. Então assim tirando esse meu orientador eu não tive ninguém. Fiz agora com a coisa da ginástica sueca. A gente fez, claro, o levantamento dos livros que havia sobre a ginástica sueca, mas me debruçar sobre o acervo, pesquisar sobre ele, isso eu fiz pouco.

C.M. – Qual é o aporte teórico que você tem trabalhado?

A.M. – A gente trabalha muito com a perspectiva da história cultural. E, fora a história cultural, eu tenho uma... Vou chamar de uma *inspiração* muito em Walter Benjamin, que tem a ver desde o meu mestrado, no doutorado eu fiz parte de um grupo que trabalhava *muito* com Walter Benjamin, fiz essa aposta na minha tese de doutorado que não é um trabalho historiográfico no sentido *pleno*, eu trabalhei muito nessa fronteira entre a antropologia, filosofia e história, que tinha a ver um pouco com essa inspiração em Walter Benjamin. Acho que Walter Benjamin hoje não é para mim uma perspectiva metodológica,

---

<sup>19</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais.

<sup>20</sup> Luiz Gustavo dos Santos Moraes.

não é isso, mas um modo de olhar o mundo que me inspira muito. Mas no campo da história é a história cultural. E a gente vai mobilizando esses autores e determinadas noções, não à priori, mas a medida que as coisas vão aparecendo. Então agora, por exemplo, com essa pesquisa sobre a ginástica sueca e a circulação dela, a gente tem trabalhado muito com Gruzinski<sup>21</sup>, especificamente as noções de circulação, de mediação, e de certa maneira até de vulgarização, que não é uma noção do Gruzinski, mas que a gente empresta da história da ciência. Então eu trabalho muito com as noções que vão aparecendo à medida que as problemáticas de pesquisa vão aparecendo.

C.M. – E que metodologias e que fontes você tem utilizado?

A.M. – Deixa eu tentar explicar para você um pouco como é que é o projeto da ginástica sueca, que foi o projeto a partir do ensino normal que eu formatei. Porque quando a gente estava estudando o ensino normal e especificamente a cadeira de ginástica, nós localizamos os programas de diversas escolas e nesses programas eles indicavam compêndios e manuais, especificamente o manual do Paulo Lauret, que era um português, o manual do Antônio Martiniano, que era um professor da Escola Normal de Ouro Preto que tinha escrito um manual de ginástica, o manual do Higgins<sup>22</sup> e o manual do Pedro Manoel Borges, que era um professor do Rio de Janeiro. E nós localizamos o do Higgins, que é mais conhecido, mas nós localizamos em um arquivo aqui o manual do Antônio Martiniano e aí a gente se perguntava: “Onde que ele se inspirou para escrever este manual?”. E como eu, no mestrado, tinha trabalhado com a ginástica sueca, eu enxergava ali uma inspiração na ginástica sueca e algumas vezes eles diziam isso claramente e outras vezes não. Como é um tema que eu gosto muito eu queria apostar nisso, eu queria saber o que eles leram, de onde que isso vem, como que isso chegou. E eu tinha uma hipótese de que coisas sobre a ginástica sueca tinham chegado via Portugal, sobre tudo pela questão da tradição. Então a gente não tem manuais escritos em sueco circulando no Brasil, todo o levantamento, todas as fontes mostram isso. Então o que eu dizia assim: “Bom, o Rui Barbosa, que essa literatura mais clássica, Bonorino<sup>23</sup>, Fernando de Azevedo, Inezil<sup>24</sup>, vão

---

<sup>21</sup> Serge Gruzinski.

<sup>22</sup> Arthur Higgins.

<sup>23</sup> Laurentino Lopes Bonorino.

<sup>24</sup> Inezil Penna Marinho.

dizer que o Ruy Barbosa<sup>25</sup> teve um certo protagonismo na defesa da ginástica sueca”. O Ruy Barbosa tinha lido alguns autores em francês, ele leu ginástica sueca em francês no famoso parecer dele ele cita três autores específicos de ginástica, só um deles é sueco, que é o Schenstrom<sup>26</sup>, que é um ginasta médico do Instituto de Estocolmo, os outros dois são franceses. Então eu dizia assim: “Bom, tem algo aí...” Que a chegada da ginástica sueca não veio da Suécia [risos], ela veio tramitando aí por outros lugares. E como, em Portugal, a ginástica sueca foi um método oficial até a década de 1970, eu tinha uma aposta, eu tinha uma hipótese de que Portugal tinha um papel nisso. Foi então quando eu fui para o pós-doutorado em Portugal e foi ótimo porque eu localizei muitos manuais de ginástica sueca traduzidos para português e também manuais em língua francesa, num momento em que a França se inspirou muito, para formatar a ginástica francesa, se inspirou muito ali. Teve missões, o Demeny<sup>27</sup> foi para a Suécia, o Lagrange<sup>28</sup> foi para a Suécia, o Tissié<sup>29</sup> que foi um grande defensor da ginástica sueca na França, brigou até com Demeny por causa disso. Enfim, eu já não falo mais hoje em circulação no Brasil, eu trabalho mais com a idéia de língua, então em língua portuguesa e língua francesa. Então eu tenho uma hipótese em termos de língua que é isso: a ginástica sueca vai sendo traduzida para a língua francesa e eu acho que aí dois países tem papel fundamental, França e Bélgica, que investiram muito, mandaram missões para a Suécia, traduziram livros. Dali foi sendo lida em língua portuguesa, sobretudo em Portugal. O regulamento de ginástica de Portugal de 1920 é todo inspirado no comandante Lefebure<sup>30</sup>, que é um comandante belga, que traduz muita coisa, fica na Suécia muito tempo. Eu localizei estes livros e agora, depois que eu voltei, estou na fase de olhar para o Brasil. Então o que é que eu percebo: o Fernando de Azevedo, por exemplo, os livros de ginástica sueca que ele cita para fazer o capítulo de ginástica sueca no livro da educação física, é o livro do Lefebure, que tinha sido adotado em Portugal. Então tem aí uma trama, tem aí uma circulação e é a isso que eu tenho me dedicado. Localizei agora, desde que eu fui para o pós-doc, o único livro que o Ling<sup>31</sup> escreveu, que está em língua sueca. Nós contratamos agora uma tradutora, que está traduzindo pela primeira vez o livro. Então a gente está aí! Em que momento a gente está da pesquisa hoje?

---

<sup>25</sup> Ruy Barbosa de Oliveira.

<sup>26</sup> R. Schenstrom, autor do *La gymnastique médicale raisonnée*.

<sup>27</sup> Georges Demeny.

<sup>28</sup> Fernand Lagrange.

<sup>29</sup> Philippe Tissié.

<sup>30</sup> Clément Lefebure.

<sup>31</sup> Per-Henrik Ling.

A gente tem clareza que o Instituto de Estocolmo chamou para si uma missão de divulgar a ginástica sueca, de trazer estrangeiros, de levar suecos para outros lugares do mundo, traduzir algumas coisas e uma coisa que a gente tem clareza hoje é que o Ling, na verdade, escreveu muito pouco, ele escreveu *uma* obra que foi publicada postumamente, com princípios da ginástica. Ele tinha uma coisa muito prática e foram os continuadores dele que de fato formataram o que a gente chama de ginástica de Ling. Então a gente fica achando: “Ah, o Ling, o Ling!”. Mas na verdade não é *o* Ling. Muito mais o Ling filho<sup>32</sup> do que o pai e outros continuadores. Então a gente está agora com essa matriz do que realmente é a ginástica sueca, a gente fez esse investimento, a gente está comparando os manuais: o que eles deixam de fora, o que eles traduzem errado, o que eles copiam. Por que tem muita cópia, manuais iguazinhos com outros autores [risos]. Então é um pouco isso que a gente tem mapeado, é a pesquisa que eu faço hoje.

C.M. – Onde você tem feito a divulgação das suas pesquisas?

A.M. – Sobretudo em capítulos de livros. Essa pesquisa agora a gente não tem nenhum artigo publicado, estão todos em análise e tramitação. Mas em artigos, sobretudo porque na pós-graduação a gente precisa publicar em forma de artigo [risos]. A gente conseguiu aprovar o primeiro dossiê da RBCE<sup>33</sup> que vai ser sobre métodos ginásticos e eu e a Carminha Soares<sup>34</sup>, que organizamos... E vai sair esse dossiê que fala um pouco dessa minha pesquisa e alguns capítulos de livro. Eu não tenho ainda nenhum livro. Eu e o Tatá temos um livro quase pronto sobre fontes para estudo da história da educação do corpo em Minas Gerais. O Tatá trabalhou mais com o ensino primário e eu com o ensino normal, juntamos isso e está em processo de finalização. Mas um livro específico da pesquisa a gente não publicou.

C.M. – As revistas que você tem enviado são da educação física, da educação...?

---

<sup>32</sup> Hjalmar Frederick.

<sup>33</sup> Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

<sup>34</sup> Carmem Lúcia Soares.

A.M. – É, como eu estou ligada ao programa de pós-graduação e um programa de pós-graduação que é sete<sup>35</sup>, a gente tem lá umas metas, então depende. Porque, por exemplo, na RBCE, a gente, claro, tem muito respeito por essa revista e tem lá os meus interlocutores da área que lêem, de fato, a RBCE, ela não é uma revista A<sup>36</sup> na educação. Então, eu publiquei agora, mas eu não posso ficar só publicando nas revistas da educação física, mesmo na Movimento<sup>37</sup>. Recentemente a dois anos publiquei na Revista Brasileira de História da Educação, que é uma revista A1, com os meus orientandos. Não só desta pesquisa, mas com os meus orientandos, a gente manda para outros lugares. O Anderson<sup>38</sup>, que é da ACM<sup>39</sup> e trabalha muito comigo, a gente publicou em Portugal. Agora estou escrevendo um artigo com o professor Justino Magalhães, que foi meu supervisor de pós-doc<sup>40</sup>, para uma revista canadense. E as coisas vão aparecendo... Sinceramente responder é muito difícil, porque eu não tenho essa coisa muito focada assim: “Vou pesquisar, vou agora então para *essa* revista!”. Eu não tenho muito isso, as coisas acabam aparecendo e eu vou atendendo a essas demandas. Esse dossiê mesmo foi muito assim: a gente tinha feito uma comunicação coordenada no Congresso de História da Educação de Cuiabá, [pausa para pensar]. Fizemos uma mesa coordenada sobre os métodos ginásticos, eu, o professor Edivaldo<sup>41</sup>, da UNICAMP<sup>42</sup>, que na época estava no Rio<sup>43</sup>... Eu, Edivaldo, Carminha e uma orientanda da Carmen que estuda o método alemão, que é a Evelise<sup>44</sup>. Aí a mesa foi tão bacana que a gente falou assim: “Ah, gente, vamos tentar organizar?” E aí chamamos outras pessoas, de outros países: o Pablo Sharagrodsky<sup>45</sup>, da Argentina, um professor de Portugal que estuda a ginástica sueca em Portugal, que é o Luis Miguel<sup>46</sup>, a Annete Hoffman, que é uma alemã que mora nos Estados Unidos, que escreve em inglês, enfim, nós fomos mapeando algumas pessoas e propusemos à RBCE um dossiê, a editoria aceitou, já aprovou e agora a gente já está na reta final. Não sei quando vai sair ... Mas está

---

<sup>35</sup> Classificação dos programas de pós-graduação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>36</sup> Classificação das revistas científicas pela CAPES.

<sup>37</sup> Revista Movimento.

<sup>38</sup> Anderson da Cunha Baía.

<sup>39</sup> Associação Cristã dos Moços.

<sup>40</sup> Pós-doutorado.

<sup>41</sup> Edivaldo Góis Júnior.

<sup>42</sup> Universidade de Campinas.

<sup>43</sup> Rio de Janeiro.

<sup>44</sup> Evelise Quitzao.

<sup>45</sup> Pablo Ariel Sharagrodsky.

<sup>46</sup> Luis Miguel Carvalho.

nos finalmentes. Então as coisas vão aparecendo, eu não tenho assim um foco. Acho até que eu deveria ter mais, mas não consigo [risos].

C.M. – E em relação aos eventos, quais você tem participado?

A.M. – É, então, os da Educação e os da História da Educação. Então tem, no Brasil, o Congresso Brasileiro de História da Educação, participo muito do Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, que acontece de dois em dois anos, uma vez aqui e outra em Portugal, o último foi em Curitiba. Eu até estava lá e tive que ir embora correndo porque foi quando meu pai faleceu e... Mas o anterior tinha sido em Lisboa, antes inclusive de eu ir para o pós-doc, foi quando eu inclusive formatei a idéia de ir para Portugal. Então eu participo muito dos Luso-brasileiros. O Íbero-americano eu nunca fui, mas mandei trabalho... Nunca coincidiu de eu ir, no ano passado que tinha sido no México, eu tinha muita vontade de ir, mas eu estava em Portugal no pós-doc, então não coincidiu. Nunca consegui me organizar. Esse ano o congresso do ISHE<sup>47</sup>, que é o mundial, vamos dizer assim, ele é em Istambul, mas ele é às vésperas do Congresso Brasileiro aqui. Isso na Educação. Na Educação Física, apesar de eu não ter ido ao último CONBRACE<sup>48</sup>, é um congresso que normalmente eu vou, para o GTT de história<sup>49</sup>, já fui coordenadora do GTT... É um congresso que eu gosto de ir, porque eu tenho os meus pares lá, então vou muito para o CONBRACE, sempre mandando trabalho e a gente não ia há muito para o de história da educação física<sup>50</sup>, aquele que cabe um monte de coisa. Mas que esse ano eu até fiz uma mesa lá, organizada pelo Tony<sup>51</sup>, em Londrina. Ele nos convidou, a gente acabou indo e foi bem legal. Esse congresso na verdade eu parei de ir porque ele tinha se desvirtuado muito da história. Então agora parece que o Tony voltou a dar uma cara de história e quem sabe a gente volte a ir...

C.M. – Como você definira o CEMEF?

---

<sup>47</sup> Congresso Internacional de História da Educação.

<sup>48</sup> Congresso Brasileiro e Ciências do Esporte.

<sup>49</sup> Grupo de Trabalho Temático Memórias da Educação Física e do Esporte.

<sup>50</sup> Congresso Brasileiro de História da Educação Física.

<sup>51</sup> Tony Honorato.

A.M. – Como que eu defino? Então, o CEMEF, eu acho que ele é um espaço que tem duas faces, vamos dizer assim. Ele é um grupo de estudos, então tem toda a rotina de um grupo. Eu, meus orientandos, Tarciso e os orientandos dele, que agora não tem, mas ele tinha -, Meily com os orientandos dela, Taborda, que recém chegou... A Cristina que chegou recentemente. Então ele é um grupo de estudos em torno da temática da educação do corpo. Aliás, eu acho que o CEMEF, no início, foi muito isso e se caracterizava assim, mas hoje ele não é mais só isso. Eu acho que ele cada vez mais assumiu seu caráter de arquivo e ganhou uma especialidade nisso, onde o CEMEF faz parte da rede de museus, é um dos centros de memória exemplares da rede de museus, pela maneira como organizou o seu acervo, como cuida do seu acervo, que é um trabalho efetivamente feito pela Meily. A Meily realmente fez um investimento nisso, inclusive na sua própria formação, o pós-doc dela tratou disso, então ela foi assumindo isso como um lugar realmente de salvaguarda com todos os seus delineamentos e com a sua especificidade nisso. Então eu acho que ele é isso, ele é as duas coisas. Ele não é só um arquivo, porque ele tem toda uma dinâmica de pesquisa. Acho que o CEMEF tem, em termos de estudo, ele tem duas fases: uma muito de projetos coletivos, onde todos nós trabalhamos com os mesmos projetos e tal. Isso aconteceu até um determinado momento e depois ele passou para uma segunda fase que eu acho que é cada um com os seus projetos. Então eu coordeno um projeto, Meily coordena outro, Taborda outro, e assim vai [risos].

C.M. – Qual foi e qual ainda é o papel do CEMEF na sua trajetória?

A.M. – Eu acho que o CEMEF é um lugar muito importante. Eu vou falar um pouco da comparação com o GEPHE<sup>52</sup>, que é o nosso grupo de história da educação na FAE. O GEPHE é um lugar super importante também, mas é o lugar da história da educação, as discussões são mais amplas, não tem uma especificidade. No CEMEF é o lugar onde a gente discute e troca a especificidade da educação física. Claro que no GEPHE tem discussões de história do corpo, de uma maneira mais ampla, mas no que se refere à educação física mesmo, o CEMEF é um lugar central. Eu acho que o CEMEF, desde 2006 quando eu cheguei, foi um grupo que me ajudou e tem me ajudado a pensar a história. Às vezes eu inclusive penso assim: “Nossa, quanta coisa! Eu acho que vou ficar só na FAE, vou sair do CEMEF”. Mas eu não dou conta, porque é um espaço, para mim, que fomenta



as minhas questões, que me ajuda a pensar... Recentemente quando cheguei do pós-doutorado, fiz uma sessão lá apresentando a pesquisa, então o grupo interage, o grupo ajuda a pensar, mostra coisas. Então assim, eu acho que é um lugar muito importante para mim de me ajudar a continuar pensando, instigando... A gente tem uma demanda na UFMG muito grande e lá na FAE, eu acho que isso me impede um pouco de atuar efetivamente no CEMEF. Por que isso significa ir para outra unidade, eu não tenho um espaço físico meu lá dentro, então isso dificulta um pouco. Antes de ir para o pós-doc eu assumi uma chefia de departamento, a FAE é muito grande, o meu departamento tem sessenta professores, eu fui chefe dois anos, então isso me impede. Eu coordeno junto com o Luciano Mendes um projeto de extensão nos Centros de Documentação da FAE, então isso também me demanda. A FAE me demanda muito. Eu dou aula na Pedagogia, não dou aula só na Educação Física, pelo fato de eu estar na FAE, então isso tudo, que dizer... O meu local geográfico na UFMG também me impede de entrar de cabeça no CEMEF. Durante muito tempo a Meily tinha esse desejo, que todos nós estivéssemos muito envolvidos, mas não dá. Realmente é muito difícil.

C.M. – Então, Andrea, tem algo que você gostaria de registrar?

A.M. – Não, acho que eu falei tudo, falei até demais [risos].

C.M. – Então eu lhe agradeço pessoalmente imensamente e o CEME também agradece pelo seu depoimento. Muito Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>52</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação.